

# PESQUISA BIOGRÁFICA EM EDUCAÇÃO: CONTRIBUTOS PARA A REFLEXÃO SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE

**Nilton Paulo Ponciano**

[Nilton.ponciano@ifms.edu.br](mailto:Nilton.ponciano@ifms.edu.br)

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

**Resumo:** *O objetivo deste ensaio é contribuir com o debate acerca da pesquisa biográfica em Educação e a corrente das histórias de vida em formação, refletindo sobre uma investigação-formação que supera a intencionalidade nomotética e assume a historicidade de todo fato social. Narrar autobiograficamente é forma-se, pois repousam sobre as narrativas biográficas um posicionar sobre si construído na cultura, evidenciadas nas memórias e manifestadas na narração de si. A estratégia metodológica utilizada para este trabalho foi a metodologia da pesquisa exploratória por tratar-se de um conjunto de manifestações abertas, que se constitui conforme o trabalho se manifesta, mas, que não se exime de um conjunto de orientações e procedimentos. Considera-se que a pesquisa biográfica em educação, trabalhada como uma investigação-formação, contribui para a formação docente enquanto uma ação de autoconhecimento ao refletir o que significa o homem, a mulher, o trabalhador, nas circunstâncias em que vivemos nossas vidas (dentro de uma temporalidade).*

**Palavras-chave:** *Pesquisa biográfica em educação. Investigação-formação. Narrativa.*

**Abstract:** *The objective of this essay is to contribute to the debate about biographical research in Education and the current of life stories in formation, reflecting on an investigation-formation that overcomes nomothetic intentionality and assumes the historicity of every social fact. To narrate autobiographically is to form oneself, as a position on oneself built in the culture rests on the biographical narratives, evidenced in memories and manifested in the narration of oneself. The methodological strategy used for this work was the exploratory research methodology because it is a set of open manifestations, which is constituted as the work manifests itself, but which is not exempt from a set of guidelines and procedures. It is considered that biographical research in education, worked as an investigation-training, contributes to teacher training as an action of self-knowledge by reflecting what it means to man, woman, worker, in the circumstances in which we live our lives (within of a temporality).*

**Keywords:** *Biographical research in education. Research-training. Narrative*

**Resumen.** *El objetivo de este ensayo es contribuir al debate sobre la investigación biográfica en Educación y la actualidad de las historias de vida en formación, reflexionando sobre una investigación-formación que supere la intencionalidad nomotética y asuma la historicidad de todo hecho social. Narrar autobiográficamente es formarse a uno mismo, pues una posición sobre uno mismo construida en la cultura descansa sobre los relatos biográficos, evidenciados en las memorias y manifestados en la narración de sí. La estrategia metodológica utilizada para este trabajo fue la metodología de investigación exploratoria por ser un conjunto de manifestaciones abiertas, que se constituye como se manifiesta el trabajo, pero que no está exento de un conjunto de lineamientos y procedimientos. Se considera que la investigación biográfica en educación, trabajada como investigación-formación, contribuye a la formación docente como acción de autoconocimiento al reflexionar lo que significa para el hombre, la mujer, el trabajador, en las circunstancias en que vivimos nuestra vida (dentro de de una temporalidad).*

**Palabras clave:** La investigación biográfica en la educación. Investigación-formación. Narrativo.

## 1. INTRODUÇÃO

A partir da escrita, o conhecimento constrói seu objeto como um objeto cognoscível, isto é, sem mistério. Mas o objeto do conhecimento nunca se reduz a esta construção. Existe uma inadequação irredutível entre o conhecimento e o seu objeto, e essa inadequação inscreve o inacabamento do próprio coração desse processo de individuação em que consiste o conhecimento enquanto “deseja seu objeto”. É por isso que o objeto do conhecimento é infinito: porque é objeto de desejo. (STIEGLER, apud LARROSA, 2018, p.297)

A compreensão, aqui em debate, da pesquisa biográfica em educação, recorrendo ao posicionamento teórico sobre a construção do conhecimento externado na epígrafe acima, é uma teia de relações que envolve o autor ou a autora com as suas emoções, seus desejos, seu mundo manifestado culturalmente, levando à hipótese de que fazer pesquisa biográfica em educação envolve a dimensão histórico/cultural do humano na tendência da biografização, em um processo inacabado, voltando sua objetiva à atenção com a continuidade da vida enredada no processo formativo do fazer humano, posto que aí se registra uma assinatura constituída ontologicamente.

Tal proposta epistêmica se sustenta no campo da fenomenologia, partindo de alguns pesquisadores e pesquisadoras que estudam e praticam a pesquisa biográfica, buscamos alguns significados e sentidos que estes e estas atribuem aos seus trabalhos, assumindo, assim, um posicionamento enquanto pesquisador que se sustenta em uma interpretação das histórias daqueles e daquelas que estão estudando e, muitas vezes, a sua própria.

Procurou-se, enquanto percurso investigativo, se contrapor à ideia da objetividade coisificada pró-alimentada no princípio filosófico do positivismo, pois a pesquisa biográfica em educação é mencionada neste texto como metodologia que exige, enquanto procedimento investigativo, relacionar as histórias educativas com as experiências, as reflexividades e os conhecimentos construídos ao longo de um tempo que a pessoa se propõe a recordar/narrar/refletir.

## **2. PENSANDO O HUMANO EM UM MOVIMENTO HISTÓRICO/ONTOLÓGICO**

Os debates acadêmicos que questionam as metanarrativas explicativas da ordem social fizeram emergir questões epistemológicas que reposicionam o humano no universo da análise científica, apresentando-o como uma categoria entendida enquanto espaço de enunciação, em que a arquitetura de um sujeito é desenhada ante a narrativa e seu contexto, perspectivada na atenção da mediação que a narrativa desenha sobre o social, bem como, a construção do sujeito.

O horizonte desses paradigmas emergentes centra suas atenções no vínculo social como um elemento dinâmico que se sistematiza nas relações entre o si e o outro, superando, assim, a dicotomia de uma análise estanque que entende a sociedade e o indivíduo como substâncias estanques e a percepção da história humana baseada na linearidade.

Para Dosse (2018, p.126), esses paradigmas emergentes propõem outras possibilidades de análises para os conflitos sociais que a ciência de base moderna/cartesiana não consegue responder. Comenta o historiador que “O paradigma não define mais uma verdade em si, atemporal da ciência, mas simplesmente a atividade legítima, no interior do domínio científico que ele rege”.

Nessa linha, as pesquisas em ciências humanas e sociais ganham novos matizes teóricos que valorizam o estudo da mudança social, considerando a intencionalidade do sujeito e sua subjetividade, i.e., suas interpretações de eventos históricos ocorrido durante sua vivência, para perceber os vínculos sociais nas interações contextualizadas, prevalecendo as análises relacionais e processuais em contraposição às análises estáticas/estruturais.

Segundo Dosse (2018, p.133), dos novos olhares sobre a ciência social, um sociólogo alemão do início do século XX sugere uma releitura sobre a sociedade, pois, como o historiador francês observa, Elias

... permite opor-se à ilusão de invariantes trans-históricas e aos surgimentos enigmáticos de iniciativas descontínuas. Elias torna possível pensar simultaneamente em termos de continuidades e descontinuidades indissociáveis. Por outro lado, possibilita compreender a dialética da incorporação das pressões pelos indivíduos, o modo de individuação no interior de um mesmo contexto específico que envolve todos os níveis da situação histórica...

Denota-se, desse excerto, um certo olhar inquietante para quem está alicerçado na tradição disciplinar. Dito de outra forma, nessa tendência do pensamento sociológico alemão do início do século XX, mais especificamente dos escritos de Elias, mas, não somente, a uma ideia transbordante para que não se investigue os objetos das ciências sociais de forma disciplinar, rompendo as fronteiras do conhecimento humano para buscar as conexões entre essas.

Tal perspectiva processual concentra suas análises no longo prazo, na temporalidade plural, no sujeito ontológico e rompe com a ideia de um ser atomizado ao estudar o humano em sua interdependência funcional. Esta interpretação apresenta importantes contribuições como a que Elias chama a atenção, ao observar o *Métier* do sociólogo,

Para compreendermos de que trata a sociologia, temos que nos distanciar de nós mesmos, temos que nos considerar seres humanos entre seres humanos. Na verdade, a sociologia trata dos problemas da sociedade e a sociedade é formada por nós e pelos outros. Aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um dos seus membros. (ELIAS, 1980, p.13)

Suas implicações filosóficas têm muito a dizer para a pesquisa em educação na perspectiva da pesquisa biográfica, se levarmos em consideração a educação como um sistema implantado ao longo de um processo civilizacional da sociedade, portanto, heterogênea, descontínua e processual, que procura uma formação (*bildung*) baseada no modelo de sujeito conforme seu tempo histórico.

Assim sendo, tudo que de novo surge ou os modelos que são implantados são, por força da **ação/aprendizagem/formação**, perspectivadas pelas pessoas em redes de interdependências construídas socialmente. É pertinente enfatizar que esses ocupam a escola – professores, discentes e técnicos – e são, também, constituintes e constituídos nas relações de interdependência processualmente determinadas.

Ponciano e Lima (2021, p.4), argumentam que a pesquisa biográfica em educação se sustenta na agentividade do ser, considerando-o não como um sujeito isolado das aporias do ser social, mas, na singularidade do ser que se constitui na relação com o outro, com as instituições e com a sociedade, uma vez que:

A formação se processa nas tessituras que o ser humano vai construindo ao longo de uma vida e reverbera na sua posição diante da vida profissional, religiosa, social, familiar, ou seja, a formação do sujeito/ator/autor é uma ação que o posiciona politicamente em seu tempo histórico, revela como ele se relaciona consigo mesmo ao ser apresentado à realidade social, posto que é neste fazer-se que o ser humano dá sentido à sua existência.

Tal debate em torno da formação e sua relação com a história de vida considera que a experiência de uma vida é fundante na construção do autoconhecimento, posto que o contar de si é algo intencional e subjetivo, e que institui significados e sentidos externados em definições que o identifica, evidenciando, assim, que a unidade costurada na narrativa de uma história de vida perpassa uma intencionalidade de fazimento de uma identidade que não nega a sociabilidade da sua constituição.

Encontra-se, nessa assertiva, um posicionamento distante daquele que considera a história de uma vida como um repositório de informações de um passado que não interfere sobre a narrativa, por não considerar o ato de narrar como ação no tempo, isto é, o enunciado de um texto como uma manifestação do tempo presente.

Em princípio, acredita-se que a narrativa biográfica desenvolve uma relação do pessoal com o social e vice-versa, costura uma unicidade do ser com a totalidade da vida em suas múltiplas dimensões, sugerindo que as experiências de uma vida não é um movimento do particular para um geral, prescrito em uma linha evolutiva/teleológica, é, antes, uma reconfiguração das tramas vividas pelo autor (a), narradas na tentativa de produzir uma síntese do tempo presente. Seguindo esta linha de raciocínio, percebe-se o inacabamento de uma história de vida, como sugere Delory-Momberger (2006, p. 362),

Preso ao presente de sua enunciação e, ao mesmo tempo, meio e fim de uma interação, a narrativa da vida não é, jamais, “de uma vez por todas”. Ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói, juntamente com ela, o sentido da história que anuncia.

Esse percurso, entremeado pelos estudos que abordam as tessituras de uma vida, propõe muitos questionamentos e possibilidades de reflexão, apresentando uma questão fundamental, o caráter temporal da experiência humana, uma vez que o tempo humano se articula ao modo narrativo, dando sentido à condição temporal que se revela na narração, senão vejamos, a narrativa projeta o mundo, arquiteta as experiências humanas

em uma temporalidade própria, desenvolvendo um jogo semântico necessário para a compreensão da vida. A interação entre a temporalidade e a narratividade é constituinte do modo de ver o mundo, de ser no mundo, de ler o mundo.

### **3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DE UMA VIDA: A NARRATIVA E A EXPERIÊNCIA**

A investigação no campo da pesquisa biográfica em educação, que avançou apoiando-se na correlação entre aprendizagem e biografia, desde as últimas décadas do século XX, trouxe novos elementos para as seguintes áreas de pesquisa: história da Educação, ensino e aprendizagem, formação de professores, ensino de matemática, estágio curricular, ensino tecnológico, sociologia da educação entre outras., as quais se beneficiam do pensamento narrativo ao problematizar o professor na sua condição histórica de estar no mundo e como agente de seu fazer.

Essa reflexão é apresentada por Pineau (2003, p.198) ao enfatizar o papel da temporalidade na formação, o sentido construído na narrativa de uma vida,

As pessoas em formação não fazem sua história de vida para fazer literatura e menos ainda num sentido disciplinar. Produzem sua história de vida, diretamente, para viver. Elas tentam, portanto, criar sentido a partir de sua experiência para fazer ou refazer sua vida – ganhá-la –, tentando compreendê-la um pouco. Não apenas no sentido cognitivo do termo, mas inicialmente conativo, quase operatório de apreender, de pôr em conjunto, em sentido, em formar elementos, acontecimentos, pedaços de outra maneira dispersos, fragmentados.

Denota-se, que recorrer à pesquisa biográfica em educação é condescender que o cerne de suas reflexões está voltado para a tridimensionalidade biografização, aprendizagem e formação, considerando que a narração da história de uma vida é um percurso organizado, tanto historicamente como estruturalmente, para constituir uma pessoa no tempo, dando sentido à sua vida, construindo uma identidade.

Torna-se difícil imaginar, coloca Delory-Momberger (2006), que uma narrativa autobiográfica não é o vivido e, tão pouco, a realidade de uma vida, uma vez que, contada pelo autor ou pela autora qualquer narrativa de uma vida tem a intencionalidade de produzir um sentido e esse movimento é merecedor de todo cuidado, ainda mais porque a linguagem biográfica produz uma ilusão de realidade.

Nessa perspectiva, o que está em jogo na pesquisa biográfica não é a vida, mas, a narrativa sobre a vida, porque ela é a percepção sobre o que nós somos, é a construção

de um eu no interior de um sistema social regulado para nos definir enquanto indivíduo, frente ao outro. Assim, ao narrar a sua história de vida, o narrador vai construindo um eu conceitual, sustentado nas características pessoais, nas relações com o outro, com o corpo e com o ambiente.

Paradoxalmente ao pensamento ordinário, o que interessa à pesquisa biográfica é mais a construção narrativa sobre a vida do que a vida, porque a narrativa biográfica é um gênero que organiza e dá um sentido de unicidade à temporalidade plural que constitui uma vida, ou seja, de um tempo polimorfo, carregado de acontecimentos e fatos que o autor da narrativa biográfica é capaz de congrega em uma singularidade preta de sentido.

Claramente, para Delory-Momberger (2006), a narrativa de uma vida, por ser singular e temporal, não é fixa, pelo contrário, é viva, é ação, é uma figura que não se fecha, não conclui, está em movimento de “refazimento”, e essa dialética que alimenta o sentido do eu atual recuperado na memória de um passado recomposto é fundante para se trabalhar a prática de formação na pesquisa biográfica.

Em uma apreensão de alcance lato, a pesquisa biográfica em educação visa compreender o sentido da escola e outras instituições educativas, bem como o aprendizado em seus diversos matizes e o ofício de professor, a partir do (auto)entendimento do sujeito-professor, privilegiando o olhar às redes de sentido que o ser humano constitui no seu narrar, posto que sua narrativa autobiográfica é sustentada nas relações estabelecidas socialmente com os territórios educativos, como a instituição escola e a aprendizagem.

Essa construção objetiva estudar as experiências como uma produção historicamente situada e que seja capaz de produzir uma agentividade (sujeito emancipado e autônomo), ou seja, como as experiências de uma vida dão forma e sentido à pessoa, refutando o saber objetivado em uma ou outra disciplina isoladamente.

Aproximações epistemológicas sobre a pesquisa biográfica em educação é o resultado, também, dos estudos conduzidos pelas linhas de pesquisas “Processos investigativos (auto) formativos e (auto) biográficos de professores no Ensino tecnológico” e “Necessidades formativas do professor no trabalho pedagógico frente aos desafios do Ensino tecnológico”, do Grupo de Estudo e Pesquisa Sobre Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico GEPROFET.

Nos estudos desenvolvidos nesses grupos de estudo e pesquisa se considera a investigação como ação formadora, tecida pelas narrativas de suas histórias de vida, pois como observa Larossa (2020, p.), é no contar que se revela o ser pelos seus sonhos, seus envolvimento, suas emoções, suas decepções, suas dores e alegrias. Para este pensador narrar é ler, e ler é ...

O que acontece, o que me acontece, é que quando falo de livros, de meu amor aos livros, não me refiro aos livros escolares: nem aos que sabem (esses que servem para que os alunos, como se diz agora, “busquem informação”), nem aos que explicam, nem aos que opinam, persuadem, sensibilizam ou doutrinam. Desses há muitos na universidade e, além do mais, dedica-se muito tempo e muitas energias para inovar seus formatos e para torná-los mais eficazes do ponto de vista de sua função informativa ou explicadora, ou doutrinadora. Eu me refiro aos livros que dizem alguma coisa, não aos que nos dão lições. E desses, como é natural, não há quase nenhum, pelo menos na minha faculdade. E o que acontece, o que me acontece, é que, quando sugiro ler algum desses livros, desses que me parecem dizer alguma coisa, me custa muitíssimo que se faça deles uma leitura escolar, que não sejam lidos como um texto informático, explicador, opinador ou doutrinador, que não seja privado, em suma, de sua potência de vida. (2020, 132).

Há um campo de competência nessa episteme que privilegia a reconstituição da pessoa no contexto de uma época, de uma sociedade, integrando as práticas e concepções em um fazer historicamente datado, trabalhando com um projeto bem definido quanto ao seu espaço teórico – a relação entre biografia e formação –, uma vez que assume a história de vida como “história em formação” e considera que a narrativa reconstitui um percurso formativo e produz um sentido para o narrador perspectivado em um projeto futuro.

a narratologia, entendida na sua multidimensionalidade, considera-se a estrutura da narrativa no contexto sociedade/história/cultura, para vislumbrar a construção de uma rede de relações pessoal/social que configuram a singularização da pessoa, ou seja, uma interface entre os mundos social e pessoal, da qual emerge as experiências de um sujeito ou um sujeito da experiência.

A ideia de refletir o sujeito da experiência torna o pensamento narrativo o epicentro nesse tipo de pesquisa, pois vivifica a relação do narrador com o vivido, atribuindo à experiência o significado de algo que atravessa, de prova, conjugando no termo tanto o estrangeiro (o outro) como a existência (o si).

Larrosa (2020), ao discorrer sobre a experiência da leitura universitária ratificando-a pelas dimensões de travessia, de atravessamento, repousa uma definição de experiência que se aproxima dessa conceituação.

A leitura, no excerto acima, é mais do que uma decodificação de símbolos que representa a explicação de um conceito, acontecimento, fato, evento, é recepcionada como algo que atravessa e ao atravessar mexe, balança, questiona, emociona, se torna um instante de vida, produzindo no leitor um “território de passagem”, uma experiência que se apodera de seu leitor, algo como uma transgressão.

Tomando tal fragmento como referência ao citar a leitura para exemplificar um caso de experiência como algo que atravessa – “potência de vida” –, e tendo-o como arquétipo para a tipologia da pesquisa biográfica em educação, as narrativas de um percurso de vida são prenes de “territórios de passagem”, “repleta de transgressões”, que os narradores experienciam e se revelam como um sujeito da experiência, ou seja, aquele que se revela aberto para a formação e transformação. “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. (LARROSA, 2020, p.28).

No campo da intervenção científica em educação explorar o sujeito da experiência pelo viés do pensamento narrativo corresponde a uma estruturação do pensamento e da ação, que supera o saber conteudista limitado ao ensino da literatura, da matemática, da história etc., pois o sujeito da experiência, por meio da narrativa, confere sentido ao vivido e a si (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Dada a perspectiva da análise, o exercício da reflexão para o sujeito da experiência o aproxima da pesquisa biográfica em educação, pois pressupõe estudar processos de formação na sua singularidade contextualizada e que ultrapassa o exercício mecanicamente praticado em cursos de formação instrumentalistas, que negam o sujeito com ser pensante e ativo.

Tal problemática coincide com os territórios da pesquisa biográfica em educação apresentados por Delory-Momberger (2011. p.51), quando considera a experiência como um dos elementos fundantes para este tipo de investigação.

[...] mostrar como os indivíduos dão uma forma a suas experiências, como dão significados às situações e aos eventos de sua existência, como agem e se constroem nos seus contextos histórico, social, cultural e político. E para realizar tal investimento, a pesquisa biográfica deve se aplicar a estudar as operações e os processos segundo os quais os indivíduos integram, estruturam, interpretam os espaços e as temporalidades de seus contextos histórico e social. Para ressaltar mais uma vez, ela deve compreender e analisar a interface do individual e do social, interrogando as construções biográficas individuais nos seus contextos e ambientes.

Ao operar sobre a estruturação, a interpretação, a integração de uma vida na mediação entre o pessoal e o social, a narratologia permite pensar que a história contada não é uma abstração do real, construída no campo das ideias puras, antes, é uma prática que envolve a condição ontológica do ser, é a percepção das memórias de uma vida inacabada e que, portanto, sofrerá mudança, alteração e revisão, trará novos elementos sógnicos que se desenvolvem no tempo, compostos por gestos, hábitos, culturas, histórias e sociedades, imbricados em suas narrativas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR**

Resumindo, o pensamento narrativo é a experiência materializada na linguagem, uma forma de entender as experiências que contamos, recontamos e revivemos, evidenciando a tridimensionalidade tempo/espaço/interação. Para essa análise, a narrativa é perspectivada na relação, é um constructo relacional das experiências cotidianas das pessoas, perspectivada na prática que a pessoa desenvolve com o outro, com as instituições e essa consideração do relacional manifestada na narrativa é o cerne que vislumbra construir um sentido das experiências no processo de formação e de aprendizado, contribuindo para a construção do ser humano, humano, como nos diz Pessoa (1966, p.93).

Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo.

Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros)...

Sinto crenças que não tenho.

Enlevam-me ânsias que repudio.

A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo.

Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.

Como o panteísta se sente árvore (?) e até a flor, eu sinto-me vários seres.

Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada (?), por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço.

## 5. REFERÊNCIAS

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa** [online]. 2006, v. 32, n. 2. [Acessado 20 julho 2022], pp. 359-371. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>>. Epub 21 Nov 2006. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulinas, 2008.

DOSSE, Francois. **O império do sentido**: a humanização das ciências humanas. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Martins fontes, 1980.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o que**: sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**: rumo a novos sincronizadores. São Paulo: TRION, 2003.

PONCIANO, N. P.; LIMA, A. J. S. pesquisa-formação e narrativa de si: agentividade e suas dinâmicas figuracionais no sentir-se professor de língua portuguesa. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 219-241, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8024>. Acesso em: 8 out. 2022.